

TESSITURAS ARTÍSTICAS

É sem contato que se ganha idade

Caio Riscado¹

ler
não só as palavras, mas
suas imagens

não deixar que escape

a infância

segurá-la entre os dentes

estranhar sua falsa fluidez

não passa igual
é mesmo diferente

a infância não é um sonho
há crianças que não podem dormir

de luz apagada
sem escovar os dentes
com fome

¹ Doutor em Artes Cênicas pelo programa de Pós-graduação da UNIRIO, diretor teatral formado pela UFRJ, artista pesquisador, escritor e performer. Professor substituto do curso de Direção Teatral da Escola de Comunicação (ECO) da UFRJ. E-mail: caioriscado@gmail.com

inúmeras são as noites de ausência
de si do outro

o ar pesado de perguntas e sem
recompensa na resolução dos problemas

azul rosa rosa azul

perdem todas as que não se enquadram
e seguem perdendo até fazer do fracasso
uma possibilidade

custa aprender sozinha
o que não ensinam
em casa ou na escola
não ensinam

o corpo que faz solidão

entende sem troca
assimila sem conversa
e se arrepia inteiro
sozinho

é sem contato que se ganha
idade

ou na exploração do encontro
escondido

antes de esbarrar em outro

(corpo)
na sala fechada



REBEH

REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS DA HOMOCULTURA

na escada vazia
no escuro dos ambientes
também se faz
(corpo)

fazeção sem limites

gestos proibidos
movimentos interrompidos
colunas tensas e um trilhão de
frases não ditas

posturas corrigidas
trejeitos criticados

quando é que você toma jeito?

não toma
engole

não vira
desvia

não cresce
entorta

aí descaminho

porque não há traçado
reta que defina rota
bandeira que anuncie chegada

pelas beiradas que se ganha
idade



REBEH

REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS DA HOMOCULTURA



carcaça

alimentada pelas sobras
endurece a criança

não se viu no desenho
não aparece no dever

ela liga os pontos mas
na outra ponta é sempre

nada

aí festa
da raspa, dos restos
embaralhando versos de
francisco mallmann²

brinca sem ninguém
faz todos os papéis
não precisa de um nome
tem coleção

mesmo dura
cai a criança

se tem sorte
encontra no chão

uma ancoragem

² Faço referência ao livro “haverá festa com o que restar”, de Francisco Mallmann, publicado em 2018 pela editora urutau.

usa sapatos maiores
decididamente
inclinada a cair³

aí políticas
de resistência
sobrevivência
negociação

(auto) imagem, identificação, declaração

mas pouco importa
se muito fala

falta ouvido
sobra estômago

borboletas tontas
para estúpidos
humanos

lançados no ar

voos de rejeição
podem ser alucinantes
ondas que não passam
efeitos pra vida inteira

até se entender
monstra do próprio desejo⁴

³ “minha mãe reclama não / adiante minha postura / é essa eu uso sapatos / maiores para tropeçar
mãe eu estou decididamente / inclinada a cair” (IORIO, 2019, p.51).

⁴ “Yo, monstruo de mi deseo, / carne de cada una de mis pinceladas, / lienzo azul de mi cuerpo, /
pintora de mi andar. / No quiero más títulos que cargar. / No quiero más cargos ni casilleros a donde
encajar / ni el nombre justo que me reserve ninguna ciencia. / Yo, mariposa ajena a la modernidad, / a la

tem estrada

pedra

lâmpada

porrada

a gente esclarece:

a xuxa mentiu

tá difícil pro menino ou pra menina que já sabe o que quer

doce doce doce

e a gente querendo entrada

dedo, lambida

e palavra

pau e letra

buceta e parágrafo

o corpo sentença

carta escrita

perdida antes

de postada

aí buraco

fenda forte

órgão arma

arregaçar o cu

e no cu do mundo

abrir mais

posmodernidad, / a la normalidad. / Oblicua, / vizca, / silvestre, / artesanal. / Poeta de la barbarie, / con el humus de mi cantar, / con el arco iris de mi cantar, / con mi aleteo: / Reivindico mi derecho a ser un monstruo / Que outros sean lo Normal!" (SHOCK, 2011, p.10).



soltar as asas
ganhar o fora
mariposa

pilotar
veículo urbano
de carga

pesada

duvidar do molde
transformar
destruir
(a massinha)
fugir de casa

a rua
as amizades
o bonde

pode ser bom
mas as vezes
não tem

então,

quem cuida?

ninguém.

proteção é coisa
relativa

só se pode ser seguro
se o outro for perigo

estado piada
governo piada

família palavra inventada

vende bem
não mexe que
vende bem

aí faz a lobo mau
de vovózinha
óculos para
ver melhor

visão aguçada
caçar nos detalhes
o que resiste
corre da norma

uma por uma
fotografar e
guardar

memória é trabalho
por isso não esquecer
de olhar o(s) presente(s)

criar um mapa
inventário de rostos
corpos que não se acovardam



REBEH

REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS DA HOMOCULTURA

não oferecem a outra face⁵

desacreditar distâncias
fingir proximidade

apertar o nó do tempo

vibrando magia dança
reacordando os gritos
da irmandade

feitiço

fazimento de futuro
foto de grupo
selfie com fantasmas

o corpo que faz solidão
também provoca barulho
estimula a balbúrdia

porque a ferida
é coletiva
e não fecha

os dedos sangram
ainda depois da hora⁶

⁵ “A minha hombridade foi morder as zombarias / Comer raiva para não matar todo mundo / Minha hombridade é me aceitar diferente / Ser covarde é muito mais duro / Não ofereço a outra face / Ofereço a bunda, companheiro / E essa é a minha vingança” (LEMEBEL, 2014). O trecho faz parte do texto “Manifesto (Falo pela minha diferença)”, de Pedro Lemebel, traduzido por Alejandra Rojas C. O manifesto foi lido em Santiago do Chile, no ano de 1986, em um ato promovido pela esquerda chilena depois de 13 anos do golpe militar. Para ler o manifesto na íntegra: <https://medium.com/revista-rosa-3/manifesto-falo-pela-minha-diferenca-dfb3f8d4f9a#.rnuodowjy> – último acesso em 25/04/2020.

⁶ Faço referência a canção “Cortei o dedo”, de Carlos Careqa e Raul Cruz. Sugiro ouvir na interpretação de Duda Brack, Júlia Vargas e Juliana Linhares para o disco do show IARA IRA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TOHNhS1qwGM> – último acesso em 26/04/2020.

o era uma vez
do que se feriu
antigamente
pode não sarar
nunca

então,

pouco importa quando
a estratégia mora no *como*
desenterrar modos de

fazer

morar

transar

abraçar as cadáveres

deitar com elas

conversar

estrelar o filme de horror da vida

aplaudir a palhaçada

vestir-se de pirraça

mas não esquecer do que foi guardado

não ter medo de mesa vazia

puxar a cadeira

e sentar

sentar

com cara de quem está sentada

e se permite ver passar o tempo



REBEH

REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS DA HOMOCULTURA

então,

quem defende?

um aglomerado
ajuntamento invisível
rede misteriosa e
brilhante

conta de multiplicar
álbum de figurinhas perversas
incontroláveis

e também a sensação
de atravessar a rua de
mãos dadas

saber-se acompanhada
duma multidão

fantasia de gatinha
arco íris das histórias
salto alto lantejoula

sempre na contramão

suando para borrar o normal
desafiando a versão oficial_final

dos fatos

se esse escrito vale
como ensaio



REBEH

REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS DA HOMOCULTURA

para a academia
quero me apresentar:

nua, sem referências cultuadas
defendendo minha composição
científica não distanciada

se só como o que posso cheirar
escrevo de perto

e, para fechar
com alegria,
cuidado!

pois,
mesmo sem cuidado
você pode estar

viva.

Referências

IORIO, Maria Isabel. **Aos outros só atiro o meu corpo**. Bragança Paulista, São Paulo: editora urutau, 2019.

LEMEBEL, Pedro. **MANIFESTO (Falo pela minha diferença)**. In: Revista Rosa, Jun 7, 2014. Disponível em: <https://medium.com/revista-rosa-3/manifesto-falo-pela-minha-diferenca-dfb3f8d4f9a#.rnuodowjy> – último acesso em 25/04/2020.

MALLMANN, Francisco. **haverá festa com o que restar**. Bragança Paulista, São Paulo: editora urutau, 2018.

SHOCK, Suzy. **Poemario Transpirado**. Buenos Aires: Nuevos Tiempos, 2011.

Recebido em: 27/04/2020

Aceito em: 02/07/2020

